

PERFIL JORNALÍSTICO COMO GÊNERO TEXTUAL NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA ANÁLISE DA LINGUAGEM AVALIATIVA

Emanuelle Tronco Bueno *
Cristiane Fuzer **

Resumo: A partir do entendimento de que textos são produto da interação social, materializadas na escrita aberta e dialógica, este artigo analisa como a linguagem avaliativa se apresenta nos textos produzidos por estudantes a partir de uma proposta de produção de perfil jornalístico em sala de aula. A pesquisa está fundamentada na abordagem Sociorretórica de gênero textual e no sistema de Avaliatividade da Linguística Sistêmico-Funcional. Foram analisados cinco textos do gênero perfil jornalístico em suas versões finais produzidos por alunos de uma turma de 2º ano de uma escola pública em Restinga Sêca, no Rio Grande do Sul, a partir de uma proposta de produção de perfil jornalístico como gênero textual. A análise evidenciou o uso de recursos avaliativos que expressam, principalmente, julgamentos positivos acerca dos perfilados, seguidos por expressões de afeto e apreciação. As ocorrências de avaliação utilizadas nos textos produzidos pelos estudantes contribuem para caracterizar a natureza autoral do perfil jornalístico.

Palavras-chave: Gênero textual. Perfil jornalístico. Sistema de Avaliatividade. Subsistema Atitude.

JOURNALISTIC PROFILE AS A TEXTUAL GENRE IN THE SCHOOL CONTEXT: AN ANALYSIS OF THE EVALUATION LANGUAGE

Abstract: Based on the understanding that texts are product of social interaction, materialized in open and dialogical writing, this article analyzes how the evaluative language is presented in the texts produced by students from a proposal of journalistic profile production in the classroom. The research is based on the Sociorethoric approach of textual genre and the Appraisal System of Systemic-Functional Linguistics. Five texts of the genre journalistic profile were analyzed in their final versions produced by students of a 2nd grade class from a public school in the city of Restinga Sêca, state of Rio Grande do Sul, Brazil, based on a proposal to produce a journalistic profile textual genre. The analysis evidenced the use of evaluation resources that express, mainly, positive judgments about the profiles, followed by expressions of affection and appreciation. The evaluation occurrences used in the texts produced by the students contribute to characterize the author nature of the journalistic profile.

Keywords: Textual genre. Journalistic profile. Appraisal System. Attitude subsystem.

Introdução

Considerando a perspectiva de estudantes como agentes da escrita e os gêneros textuais como instrumentos interacionais no processo de produção textual, a abordagem Sociorretórica de gênero (BAZERMAN, 2006) focaliza a escrita como um meio de ação social, e não apenas uma forma textual, pois a partir dela ações podem ser realizadas. Com base nessa abordagem de gênero, apresenta-se uma proposta de trabalho com a escrita no contexto escolar, ancorada em um relato de

experiência com estudantes de uma turma de ensino médio, em que se utilizou uma sequência didática para se trabalhar a produção de perfil jornalístico a partir do entendimento de gênero como ação social (BAZERMAN, 2006; BAKHTIN, 2003; CARVALHO, 2005).

Tendo em vista o propósito de retratar a vida cotidiana, o perfil jornalístico pode se constituir de um relato de vida sob o ponto de vista de quem observa, razão pela qual o uso de linguagem avaliativa torna-se significativo. Por possuir características de interação, principalmente por presumir uma entrevista, o perfil jornalístico oferece ao aluno estímulo de diversos sentidos, buscando um olhar subjetivo através de elementos literários característicos desse gênero textual. Esse foi o cenário que motivou a construção de uma sequência didática com uma proposta de produção textual utilizando o perfil jornalístico.

A partir dessa proposição, o objetivo deste trabalho é analisar como a linguagem avaliativa se apresenta nos textos produzidos pelos estudantes a partir de uma proposta de escrita de perfil jornalístico em sala de aula. Para tanto, foram levantadas as seguintes questões norteadoras: Quanto aos campos semânticos do subsistema Atitude, de acordo com o sistema de Avaliatividade de Martin e White (2005), qual é mais frequente nos textos? As avaliações utilizadas nos textos produzidos pelos estudantes se caracterizam mais como positivas ou negativas? As avaliações estabelecem relação com as características descritas nos estudos prévios para o gênero perfil jornalístico?

A fim de responder a tais indagações, este trabalho organiza-se em cinco seções. A primeira visa apresentar a perspectiva de gênero como ação social, como processo interacional que tende a variar sua estrutura, objetivo e perspectivas conforme por quem e onde é produzido. A segunda seção, apresentam-se o propósito e as principais características do perfil jornalístico como gênero textual. Na terceira seção, focaliza-se o subsistema Atitude do sistema de Avaliatividade como elemento norteador de análise dos textos que constituem o *corpus* deste estudo. Na quarta seção, como diretrizes metodológicas, resgata-se o contexto escolar em que a proposta foi apresentada e elementos da sequência didática que norteou a produção dos textos que constituem o *corpus* da pesquisa, analisados com base nos pressupostos teóricos estudados.

Na quinta seção, apresentam-se a análise e discussão dos resultados obtidos neste estudo, seguida por considerações finais.

1 Gênero como ação social

No Brasil, o trabalho do pesquisador russo Mikhail Bakhtin tem sido amplamente citado em pesquisas que envolvem a noção de gênero na área de Linguística. A perspectiva bakhtiniana culminou no desdobramento de diferentes abordagens para descrever e analisar textos. Dentre elas, está a Sociorretórica (BAZERMAN, 2006), perspectiva de gênero textual que embasa o presente trabalho.

Os gêneros textuais são classificados como “primários”, considerados mais simples, ou “secundários”, considerados mais complexos por surgirem, conforme Bakhtin, “[...] nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado.” (BAKHTIN, 2003, p. 263). Segundo o autor, todo enunciado pode possuir um estilo individual, ou seja, “[...] pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve).” (BAKHTIN, 2003, p. 264). Isso leva a subtender-se que os enunciados que constituem gêneros podem expor elementos próprios do escritor.

Além disso, os textos de determinado gênero possibilitam os discursos de um campo. O perfil jornalístico, por exemplo, pode divulgar o discurso ou posicionamento do próprio autor ou do meio no qual o texto será veiculado. A forma, o tema e o estilo são elementos indissociáveis, o que significa dizer, com base em Bakhtin (2003), que os temas de um texto apenas passam a existir a partir de um estilo e de uma forma de composição específica.

Na perspectiva social, os estilos de linguagem podem ser entendidos como estilos de gênero construídos no ato da comunicação e da interação. Ou seja, o estilo e o gênero coexistem: “Onde há estilo há gênero. A passagem do estilo de um gênero para outro não só modifica o som do estilo nas condições do gênero que não lhe é próprio como destrói ou renova tal gênero.” (BAKHTIN, 2003, p. 268).

Há uma ampliação do conceito de gêneros do discurso, tanto a partir de análises de gêneros não literários, quanto a partir do componente sociocognitivo. De acordo com Carvalho, os gêneros são “[...] responsáveis por organizar a experiência humana, atribuindo-lhe sentido; são os meios pelos quais vemos e interpretamos o mundo e nele agimos.” (CARVALHO, 2005, p. 133). Com esse entendimento, a autora revisita a obra de Miller (1994), que, a par com Bazerman (2006), concebe o gênero como ação social, concluindo que “[...] o gênero espelha a experiência de seus usuários – e um texto é a materialização desta experiência, por meio da ação

ali levada a cabo, de sua forma e sua substância.” (CARVALHO, 2005, p. 133). Bazerman (2006) reconhece a existência do gênero atrelado ao conhecimento de seus usuários. Ou seja, os sujeitos se apropriam e utilizam os gêneros como parte de suas relações sociais, comunicativas e comportamentais.

A escolha atenta e estratégica de gêneros para o ensino de leitura e escrita em sala de aula tende a “[...] introduzir os estudantes em novos territórios discursivos, um pouco mais além dos limites de seu *habitat* linguístico atual.” (BAZERMAN, 2006, p. 31). O perfil jornalístico, apresentado na seção a seguir, pode ser considerado um dos gêneros textuais que se propõe a explorar novas perspectivas.

2 O perfil jornalístico

Na abordagem teórica adotada neste estudo, o perfil jornalístico pode ser considerado um gênero textual do jornalismo literário, pois fornece informação ao mesmo tempo em que explora as referências narrativas da literatura (WERNECK, 2010). Por isso, o perfil jornalístico também é arte, “[...] pois não se trata apenas de aplicar técnicas”, elucida Werneck (2010, p. 291), no posfácio do livro *Vultos da República*, que reúne perfis de políticos publicados na revista *Piauí*.

Também jornalista, o autor avalia o perfil como o mais interessante dos gêneros jornalísticos, justamente por ter como alvo as próprias pessoas, ricas em conteúdo e peculiaridades. Aliás, sobre as minúcias que parecem irrelevantes, ele retruca: “[...] com a devida licença de Erasmo & Roberto, são detalhes não tão pequenos de nós todos, indispensáveis à composição de um perfil jornalístico de qualidade.” (WERNECK, 2010, p. 294). Abreu *et al.* corroboram esse ponto de vista, sugerindo que “[...] a importância do elemento descritivo é uma espécie de mantra das reflexões sobre o estilo jornalístico.” (ABREU *et al.*, 2016, p. 61).

Nessa linha, o perfil jornalístico é um texto autoral com foco no subjetivo, pois o sujeito só encontra sua autoria por onde o sentido pode circular. Em vista disso, o perfil jornalístico pode ser usado, no contexto escolar, como uma oportunidade para os alunos exercitarem diferentes olhares e se posicionarem como autores de seus próprios textos.

Silva (2010) afirma que o perfil jornalístico dá vida a personagens ao caracterizá-las por meio de aspectos tanto psicológicos quanto físicos, dando

importância para detalhes: “[...] seja pelas minúcias da altura, peso, expressão facial ou estilo de vestir, cada variação trará consigo parte da história.” (SILVA, 2010, p. 407).

Um dos mais profundos e recentes resgates desse gênero textual foi feito pelo jornalista Sérgio Vilas Boas em duas obras que se complementam. No livro *Perfis e como escrevê-los*, o autor explora a polifonia das nomeações dadas a esse gênero. Além de perfil jornalístico, pode ser chamado "perfil", “biografia de curta duração”, “reportagem narrativo-descritiva de pessoa”, “miniperfil” ou mesmo, nas Ciências Sociais, de “histórias de vida”.

Inclusive é na pesquisa de Vilas Boas (2003) que se pode traçar uma linha do tempo em relação ao desenvolvimento desse gênero textual no contexto brasileiro. Mesmo já sendo encontrado em publicações criadas em meados do século XIX, durante o processo de colonização do Brasil, o perfil jornalístico apenas ganhou seu destaque no país na década de 1930. Vilas Boas (2003) relata que, naquela época, os perfilados eram normalmente pessoas famosas ligadas a algum segmento de destaque da sociedade.

Já na década de 60, a revista *Realidade*, com base nos valores humanistas resgatados por meio da técnica de observação, consagrou-se nesse gênero. Segundo Vilas Boas (2003), é impossível se construir um perfil sem observação, pois ela gera uma percepção da comunicação não verbal que enriquece o perfil. O autor se refere não somente à percepção visual, mas também à utilização apurada de todos os sentidos sensoriais.

Nessa visão de que a humanização talvez seja a palavra-chave de diferenciação do perfil jornalístico, Medina (2000) cria uma técnica para a produção de perfis, nomeando-a de “entrevista humanizada”. Esse tipo de entrevista possui uma característica mais aberta, a qual “[...] mergulha no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos, história de vida.” (MEDINA, 2000, p. 18) e, nesse sentido, busca bagagem informativa do presente e do passado, de fatos históricos ou mesmo de contos de rua.

Os autores supracitados coincidem na linha de definição do gênero, podendo-se, assim, unir os elementos constitutivos do perfil – caracterizados pelos pesquisadores – em dois quadros. O primeiro reúne as características estilísticas, e o segundo, as estruturais.

Quadro 1 – Características estilísticas e estruturais do perfil jornalístico

Características estilísticas	Características estruturais
Não ficcional, tendo como foco central um personagem real.	Usa travessões ao invés de aspas para o discurso direto.
Busca traços do passado e do presente do perfilado.	Foco narrativo construído em 1ª pessoa.
É autoral; as experiências pessoais do repórter se confundem com a história do personagem.	Textos longos, maiores que notícias e menores que biografias.
Utiliza os critérios de “valor-notícia” ² para descobrir aspectos noticiosos exteriores ligados aos personagens.	Utiliza como recurso base a técnica de entrevista e de observação.
Focaliza em alguns momentos específicos da vida do perfilado.	
Analisa a linguagem não verbal para transcrevê-la.	

Fonte: Elaborado com base em Werneck (2010), Abreu *et al.* (2016), Silva (2010), Vilas Boas (2003) e Medina (2000).

Além dessas características situacionais e estruturais, o perfil jornalístico pode fazer uso de diferentes recursos de avaliação, aspectos abordados na seção a seguir a partir de pressupostos teóricos da Linguística Sistêmico-Funcional com foco no sistema de Avaliatividade.

3 Subsistema Atitude do sistema de Avaliatividade

A teoria sistêmico-funcional proposta por Halliday (1998) enfoca exatamente a natureza funcional e interativa da linguagem e a relação com a constituição social do ser humano. Para o autor, o texto é a seleção de opções dentro do sistema linguístico, e isso é relevante de ser considerado no contexto escolar (HALLIDAY, 1998). Nesse sentido, as escolhas linguísticas dos estudantes na produção de um texto podem revelar emoções, julgamentos e preferências. Em outras palavras, revelam o posicionamento do estudante como sujeito ativo e autoral.

A maneira como se emprega a linguagem culmina em diferentes tipos de avaliação, as quais “[...] evidenciam, em termos léxico-gramaticais, os tipos de atitudes negociadas no texto, bem como a força dos sentimentos em relação ao objeto de avaliação.” (VIAN JR., 2009, p. 100). Para esclarecimento semântico, elucida-se que é utilizado o termo avaliação como níveis avaliativos da língua em relação aos possíveis significados dos textos. Já a avaliatividade diz respeito ao potencial da língua para produção de análise de significados (VIAN JR., 2009). Considerando que a linguagem avaliativa é parte das escolhas possíveis na constituição de sentidos de um texto, focaliza-se neste estudo a avaliatividade como elemento norteador de análise dos textos que constituem o *corpus*.

O sistema de Avaliatividade, proposto por Martin e White (2005), parte de princípios da Linguística Sistêmico-Funcional, que tem como precursor Halliday (1998). O sistema se constitui de subsistemas para analisar a avaliação e a perspectiva em produções textuais (WHITE, 2004). Constituído como um dos principais recursos da semântica discursiva, o sistema de Avaliatividade estrutura-se a partir de alguns questionamentos que orientam a avaliação textual no âmbito da linguagem. Dentre eles, cabe ressaltar a dúvida de como os atores se inserem no processo de produção textual e como conferem particularidades ao texto (MARTIN; WHITE, 2005).

Dentre os pesquisadores brasileiros que estudam o funcionamento desses sistemas em língua portuguesa, Vian Jr. refere-se à Avaliatividade como um “[...] conjunto de significados interpessoais que se debruça sobre os mecanismos de avaliação veiculados pela linguagem, configurados em um sistema que oferece aos usuários possibilidades de utilizar itens avaliativos em suas interações cotidianas.” (VIAN JR., 2010, p. 11). Essas interações, por sua vez, podem ser utilizadas em diferentes gêneros textuais (que também podem ser desenvolvidos em variados contextos socioculturais). A Avaliatividade se organiza em três campos de interação: atitude, engajamento e gradação, cada um representando uma região de significados (WHITE, 2004).

Tendo em vista a amplitude de tais campos, este trabalho se detém no campo atitude, em que são focalizadas três regiões semânticas: afeto, julgamento e apreciação. O afeto diz respeito aos significados aplicados no texto que expressam emoção; o julgamento é expresso por significados que têm por base valores éticos pré-determinados, e a apreciação diz respeito a significados aplicados no texto que contribuem para produção de sentido, prioritariamente estético (WHITE, 2004; VIAN JR., 2010).

Ao compreender que as atitudes individuais, ao serem expressas, são vistas como sentimentos institucionalizados, define-se o afeto no centro dessas atitudes. O julgamento, dessa forma, pressupõe valores sobre o comportamento social, e a apreciação atribui valor a coisas, acontecimentos e pessoas (VIAN JR. *et. al.*, 2010).

Especificamente sobre afeto, White (2004) classifica diferentes categorias desse campo semântico (Quadro 2), os quais, no presente estudo, servem de base para a análise das avaliações nos perfis jornalísticos produzidos no contexto escolar.

Quadro 2 – Categorias de afeto do subsistema Atitude

Sentimentos positivos ou negativos	A pessoa sente algo agradável de experienciar?
Sentimentos manifestados como impulsos emocionais ou mentais	O sentimento é manifestado como experiência externa ou interna resultante de emoções pessoais?
Sentimentos gerados como reação	Esse sentimento é manifestado na forma de reação a algum estímulo (externo ou emocional)?
Sentimentos de baixa, média ou alta intensidade	Qual a intensidade do sentimento da pessoa?
Sentimentos estão relacionados à intenção do que foi ou não realizado	Esse sentimento é manifestado na forma de intenção em resposta a algum estímulo (realizado ou previsto)?
Sentimentos são reunidos em três grupos ligados à in/felicidade, in/segurança e in/satisfação	Como a pessoa se sente: Feliz? Protegido? Satisfeito?

Fonte: Adaptado de White (2004), Vian Jr. *et al.* (2010).

O campo semântico julgamento, em que são avaliados comportamentos, categoriza-se em estima social (normalidade, capacidade e tenacidade) e sanção social (propriedade e veracidade) (Quadro 3). A estima social diz respeito a admirações e críticas sem implicações legais; já a sanção social prevê implicações legais, pois diz respeito à honestidade e à ética (VIAN JR. *et al.*, 2010; WHITE, 2004).

Quadro 3 – Categorias de julgamento do subsistema Atitude.

Normalidade	É uma pessoa que possui características singulares e/ou especiais?
Capacidade	É uma pessoa que possui características valorizadas para sua idade/função social? É uma pessoa talentosa? Criativa? Com perfil interessante?
Tenacidade	É uma pessoa persistente?
Veracidade	É uma pessoa idônea?
Propriedade	É uma pessoa ética?

Fonte: Adaptado de White (2004), Vian Jr. *et al.* (2010).

O terceiro campo semântico, a apreciação, pode ser de três tipos: reação (que se subdivide em impacto e qualidade); composição (subdividida em proporção e complexidade) e valoração (Quadro 4).

Quadro 4 – Categorias de apreciação do subsistema Atitude.

Reação	Impacto	Esse ser é encantador? Esse elemento é aprazível?
	Qualidade	Esse ser te agrada? Esse elemento é afável?
Composição	Proporção	Essa história faz sentimento? Esses elementos se conectam?
	Complexidade	Essa experiência intriga ou gera alguma sensação de estranhamento?
Valoração		Essa experiência ou momento foi positivo?

Fonte: Adaptado de White (2004), Vian Jr. *et al.* (2010).

É importante salientar que os recursos do sistema de Avaliatividade funcionam como hipóteses de significação e não como categorias inflexíveis, pois os significados das escolhas linguísticas dependem do contexto em que são usadas nos textos.

4 Diretrizes metodológicas

Nesta seção, apresenta-se o relato de experiência que envolveu a execução de uma sequência didática para o trabalho de produção de perfil jornalístico com estudantes do ensino médio e, na sequência, descrevem-se os procedimentos de análise de textos produzidos pelos estudantes a partir da sequência didática.

4.1 Universo de análise

As atividades foram desenvolvidas na turma de 32 estudantes do 2º Ano do Ensino Médio, em uma escola pública no município de Restinga Sêca, RS, no período de 20 de outubro a 1º de novembro de 2016. Uma das autoras deste artigo assumiu as aulas em turno regular da disciplina de Língua Portuguesa na escola, durante as atividades de Estágio Supervisionado III do curso de graduação em Letras – Português e Literaturas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Totalizaram-se quatro encontros e oito horas/aula, divididos em períodos de 50 minutos cada (com duas horas/aula semanais).

Inicialmente, foram apresentados aos estudantes elementos do gênero notícia para a realização da leitura de uma notícia do portal G1. Em um segundo momento, foi realizada a leitura pausada de um texto da revista *Piauí* com o mesmo assunto da notícia lida anteriormente, porém em formato de perfil jornalístico; na sequência, apresentaram-se as características do gênero.

A terceira etapa consistiu na apresentação da proposta de produção textual, que seguiu um roteiro composto por 12 etapas, conforme descrito no Quadro 5.

Quadro 5 – Roteiro da proposta de produção textual do perfil jornalístico

Etapas da produção		Descrição
1	Elaboração do roteiro	Os estudantes, individualmente, montam um roteiro de perguntas para entrevistarem um colega, composto basicamente por: nome completo, naturalidade, o que mais gosta de fazer, histórias engraçadas, relação com os pais, melhores amigos etc.
2	Realização das entrevistas	Com o roteiro de perguntas elaborado, os estudantes se organizam em duplas para se entrevistarem. Primeiro um integrante da dupla faz as perguntas e anota as respostas e, na sequência, a ação é repetida pelo outro colega. Posteriormente, os estudantes utilizarem as informações coletadas na entrevista com o colega para produzirem o texto.

3	Início da produção do texto em sala de aula	Em posse das informações coletadas durante a entrevista, os estudantes possuem dados para iniciar, individualmente e em sala de aula, a produção do texto referente ao perfil do colega.
4	Finalização da produção em casa	Os estudantes levam o texto previamente estruturado para ser finalizado em casa.
5	Entrega da 1ª versão do texto	É realizada a entrega da primeira versão do perfil jornalístico para a mediadora.
6	Leitura/retorno da 1ª versão do texto	A mediadora realiza a leitura e avaliação da primeira versão do texto e retorna para o estudante.
7	Entrega da 2ª versão do texto	O aluno realiza a reescrita do texto e entrega para a mediadora.
8	Leitura/retorno da 2ª versão do texto	A mediadora realiza a leitura e avaliação da segunda versão do texto e retorna para o estudante.
9	Finalização da escrita	O aluno realiza a versão final do texto a partir dos apontamentos recebidos no texto.
10	Colagem das fotos	Tendo em vista que a fotografia é o elemento não verbal que complementa a linguagem verbal nos gêneros jornalísticos, o objetivo nesta etapa é cada estudante ilustrar seu texto com a fotografia da pessoa cuja a história é contada no perfil. Para tanto, cada estudante/autor retira com a mediadora a fotografia impressa e cola junto ao texto.
11	Apresentação do texto	Cada estudante apresenta, através da leitura em voz alta, o perfil jornalístico elaborado.
12	Exposição dos textos	Os estudantes realizam a colagem dos textos e fotos em papel pardo, formando um mural com todas as produções. O mural produzido pelos estudantes com seus perfis jornalísticos fica exposto na entrada da escola com o título “perfil da turma”.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

4.2 Constituição do corpus e passos para análise

O *corpus* aqui analisado constitui-se de cinco textos, em sua versão final, produzidos por cinco estudantes no contexto anteriormente descrito, mediante a autorização e o consentimento dos autores e dos responsáveis legais. Sobre essa questão, a fim de cumprir critérios éticos, utilizou-se um modelo de termo de consentimento, pediu-se autorização da escola em que a atividade foi realizada e omitiu-se a identificação dos autores para preservar as identidades.

Os textos são referidos neste artigo conforme os códigos de referência mencionados no Quadro 6.

Quadro 6 – Textos que constituem o *corpus* de análise

Código de referência	Título do texto
T1	Conhecendo a Eduarda
T2	Vida de Tufão
T3	A estranha história de Luiza
T4	Dialogando sobre Taíse
T5	Laurinha

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Para análise de produções textuais em uma abordagem qualitativa, Carvalho (2005) sugere as dimensões: avaliação das regularidades do gênero nas produções e comparação com as características expostas aos estudantes; análise das regularidades na produção e na recepção dos textos; identificação das regularidades nas atividades sociais desempenhadas pelos escritores (no caso, os estudantes).

Para análise da linguagem avaliativa nos textos, foi usado o modelo proposto por White (2004) e Martin e White (2005) para análise do subsistema Atitude:

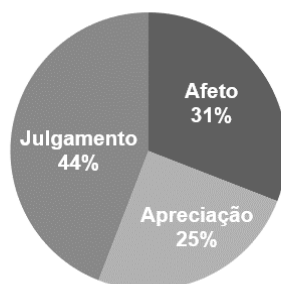
- 1) palavras e expressões de emoção (afeto);
- 2) palavras e expressões que se baseiam em valores sociais pré-determinados (julgamento);
- 3) palavras e expressões que contribuam para produção de sentido de valor estético (apreciação).

É importante salientar que essa visão elucida o entendimento de gênero como ação social, em que os estudantes são considerados sujeitos críticos e ativos na escolha de seus grupos de interesse ligados ao processo comunicativo. Com base nessa metodologia, na seção a seguir expõe-se como tais ocorrências aparecem em textos escritos por estudantes do ensino médio em atendimento à proposta de produção de perfil jornalístico como gênero textual.

5 Análise e discussão dos resultados

Em análise minuciosa dos textos produzidos pelos estudantes, localizaram-se 30 marcas avaliativas no total dos textos quanto ao recurso semântico julgamento, o que demonstra 44% de representatividade para este campo. Na sequência, grifaram-se 21 marcas avaliativas para o recurso semântico afeto e 17 para a apreciação, representando 31% e 25% de ocorrências em cada campo semântico, respectivamente (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Campos semânticos de atitude nos textos analisados



Fonte: elaborado pelas autoras.

A partir desse resultado, foram analisados os textos com base nos três campos semânticos, os quais estão detalhados a seguir em ordem decrescente de ocorrência nos textos.

5.1 Julgamento

No plano do julgamento verificou-se o maior número de ocorrências de avaliações no *corpus* (44%). Esse dado permite inferir que os autores, embora não se sintam à vontade para avaliar sentimentos intensos nem emoções tidas como desconfortáveis, posicionam-se como avaliadores da história que estão escutando e escrevendo. O Quadro 7 apresenta exemplos de ocorrências de julgamento em excertos extraídos dos textos produzidos pelos estudantes.

Quadro 7 – Ocorrências de julgamento nos textos produzidos pelos estudantes

Estima Social	Julgamento Positivo	Julgamento Negativo
Normalidade	<i>Simpática [...] e muito alegre é Eduarda [...] (T1).</i>	<i>[...] ciumenta [...] (T1).</i>
Capacidade	Sem ocorrências	<i>[...] impaciente [...] (T1).</i>
Tenacidade	<i>Menina valente, ela pretende um dia compreender sua história (T3).</i>	<i>[...] mas como é preguiçosa curte ficar em casa sem nada para fazer (T1).</i>
Sanção Social	Julgamento Positivo	Julgamento Negativo
Veracidade	<i>Uma pessoa que posso [...] e confiar a minha vida inteira (T5).</i>	<i>[...] um homem alto agindo de modo suspeito (T4).</i>
Propriedade	Sem ocorrências	Sem ocorrências

Fonte: elaborado pelas autoras.

Cabe destacar que não foi encontrado nenhuma ocorrência de julgamento de sanção social propriedade. A baixa frequência de avaliações de julgamento do tipo sanção social parece apontar uma das características dos autores (estudantes) que ocupam o mesmo lugar dos colegas de turma. Assim, infere-se que os autores optaram por evitar se posicionar como julgadores de atitudes dos perfilados relacionadas com a ética.

Já julgamentos sem implicações legais (de estima social) aparecem com mais frequência, totalizando 28 marcas avaliativas das 30 localizadas neste campo semântico. As ocorrências mais frequentes se referem à normalidade: “**Simpática, [...] ciumenta e muito alegre é Eduarda, que está em um relacionamento sério há 04 anos e trocaria flores por uma caixa de chocolate**” (T1).

5.2 Afeto

Nos textos analisados, foram encontradas 21 ocorrências, representando 31%, das seis categorias de afeto propostas por Martin e White (2005). O Quadro 8 apresenta exemplos de ocorrências em excertos extraídos dos textos produzidos pelos estudantes.

Adjuntos modais, como destacado em “**Felizmente** ninguém se machucou e ficou tudo bem” (T2), indicam avaliação positiva sobre o desfecho do acontecimento relatado na voz autoral. No contexto, gera um sentimento agradável a ser experienciado. O contrário aparece em “Ficaram **apavorados**, mas isso serviu de lição para que Lucas prestasse mais atenção e tomasse precauções para que isso não voltasse mais a acontecer” (T4), pois o item lexical “apavorados” indica um sentimento desagradável em relação a uma experiência vivenciada pelas personagens (no caso, ser furtado).

Quadro 8 – Ocorrências de afeto nos textos produzidos pelos estudantes

Sentimentos positivos	<i>Felizmente ninguém se machucou e ficou tudo bem (T2).</i>	
Sentimentos resultantes de emoções	<i>Ficaram apavorados, mas isso serviu de lição [...] (T4).</i>	
Sentimentos resultantes de reações externas	<i>A linda estudante de olhos castanhos e de gênio forte encanta seu namorado [...] (T4).</i>	
Gradação dos sentimentos	Baixa	<i>[...] curte ficar em casa sem nada para fazer (T1). Gosta de jogar conversa a fora com a família e com os amigos [...] (T1).</i>
	Média	<i>[...] ama ir para Formigueiro [...] (T1).</i>
	Alta	<i>No dia 17/12/2006, o Internacional era campeão mundial de clubes [...] jamaís vou esquecer esse dia (T2).</i>
Sentimentos que envolvem intenções	<i>[...] ela pretende um dia compreender sua história (T3).</i>	
Emoções agrupadas em três conjuntos	Felicidade	<i>Felicidade: [...] conversar e dar umas risadas foi aqui na sala de aula, onde nos aproximamos mais (T1).</i>
	In/Segurança	<i>Segurança: Sua relação com os pais é boa, pois eles a apoiam sempre em todas as decisões (T3). Insegurança: Ficaram apavorados (T4).</i>
	In/Satisfação	<i>Satisfação: [...] pretende estudar Nutrição ou até Farmácia na Universidade Federal de Santa Maria; [...] (T1). Insatisfação: Reprovou na escola no 2º ano [...] (T5).</i>

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A maioria das avaliações apresenta gradação de sentimento baixa (sete ocorrências no *corpus*), como em “[...] **curte** ficar em casa sem nada para fazer” (T1)

e “**gosta** de jogar futebol, ir a festas e jogar FIFA” (T2), o que permite inferir que as entrevistas foram, no geral, superficiais e não chegaram a um grau de envolvimento que pudessem expressar sentimentos mais intensos.

Outro ponto a ser observado é que não foram encontradas marcas avaliativas que expressem emoções de infelicidade e identificou-se apenas uma marca avaliativa de insegurança e uma expressando insatisfação. Essa constatação permite inferir que os autores não se sentiram à vontade para indagar situações desconfortantes e/ou os colegas entrevistados não se propuseram a falar sobre esses sentimentos.

5.3 Apreciação

Seja por não ser frequente a referência a trabalhos humanos nos textos, seja por uma opção dos autores de não atribuírem valores estéticos aos perfilados, a apreciação é o campo semântico de atitude com menor expressividade nos textos (25%). O QUADRO 9 traz exemplos de ocorrências de apreciação em excertos extraídos dos textos analisados.

Quadro 9 – Ocorrências de apreciação nos textos produzidos pelos estudantes

		Positivo	Negativo
Reação	Impacto	[...] tem dois cachorros, Pelé e Sequinho, que são uns amores (T1).	Sem ocorrências
	Qualidade	Foram até a pedreira aproveitando a maravilhosa e paradisíaca natureza [...] (T4).	Sem ocorrências
Composição	Proporção	Sem ocorrências	Sem ocorrências
	Complexidade	Sem ocorrências	A gaúcha tem uma história um tanto curiosa (T3).
Valoração	[...] nasce minha irmã, com certeza uns dos dias mais felizes de minha vida (T5).		Sem ocorrências

Fonte: elaborado pelas autoras.

Do ponto de vista negativo, verificou-se ainda mais raro o uso de itens de apreciação. Um exemplo é apreciação por composição relacionada à complexidade dos objetos, como em: “Desde pequena ela vê ou ouve coisas **estranhas**, chamados de crianças ou sussurros” (T3). No excerto “Foram até a pedreira aproveitando a **maravilhosa** e **paradisíaca** natureza, tiraram algumas fotos e voltaram ao carro” (T4), o item lexical “afável” expressa a reação positiva que diz respeito à qualidade.

Considerações finais

Construir uma espécie de retrato de alguém vivo não é uma tarefa fácil. Se fosse uma pintura exigiria domínio da técnica, pois o retratado poderia se movimentar e sofrer interferências externas ou internas. O mesmo ocorre com o gênero textual perfil jornalístico, cuja produção pressupõe um olhar apurado e maduro do autor, pois implica buscar momentos singulares da vida de uma pessoa e humanizá-los por meio do uso de elementos discursivos que possibilitem uma descrição detalhada e avaliativa.

No caso dos textos analisados neste trabalho, seus autores, guiados por uma sequência didática, demonstraram seus pontos de vista por meio do uso de marcas avaliativas que expressam, principalmente, julgamentos positivos. Quando negativos, as críticas são de estima social, ou seja, sem implicações legais. A análise também evidenciou preponderância de avaliações de afeto positivos, refletindo uma possível retração dos estudantes em caracterizar negativamente – por meio da externalização dos sentimentos – os elementos ou situações avaliadas.

Esses resultados vão ao encontro de uma das principais características do gênero textual perfil jornalístico: é autoral, no sentido de que as experiências pessoais do produtor do texto se confundem com a história do personagem. Nesse caso, os estudantes focaram naquilo em que se sentiram confortáveis em escrever, tendo em vista experiências que lhes eram familiares, por vezes se inserindo no texto como personagens, como, por exemplo, em: “Conheci ela esse ano, já tinha visto na rua e em outros locais, no entanto, conversar e dar umas risadas foi aqui na sala de aula, onde nos aproximamos mais” (T1).

Os recursos de avaliação utilizados nos textos produzidos pelos estudantes contribuem, portanto, para caracterizar tais textos como instâncias do perfil jornalístico na perspectiva de gênero textual, o qual possui natureza autoral. Inclusive, a preponderância de recursos semânticos de julgamento se justifica pela autoralidade própria do gênero, uma vez que os estudantes demonstram posicionamentos em relação a atitudes dos colegas que entrevistaram e sobre os quais escreveram.

No contexto analisado, os autores e os perfilados encontram-se em um mesmo nível (estudantes) e, por isso, não se sobrepõem uns aos outros, o que pode justificar a presença significativa de avaliações positivas. Nesse caso, esse resultado

não tem a ver com as características do gênero textual levantadas anteriormente, mas apenas configuram o contexto situacional dos envolvidos na produção.

Tendo em vista o entendimento da escrita como um meio social (BAZERMAN, 2006), pode-se dizer que os estudantes interferiram, de certa forma, na estrutura do gênero, contribuíram com a sua construção e evoluíram no quesito tanto objetivo, por exercitarem a técnica da escrita, quanto subjetivo, por exercitarem o olhar apurado sobre a realidade e sobre o outro em uma experiência de contato direto (por meio da entrevista).

Ademais, percebe-se que a aplicação da sequência didática contribui para a abordagem da escrita de textos como processo e como produto “vivo”, conforme a teoria sistêmico-funcional, o que tem demonstrado que a produção, revisão e reescrita orientadas apontam para uma melhora no emprego da linguagem e na inserção do aluno-autor como parte desta construção. A partir da sistemática de trabalho desenvolvida, os estudantes foram tomando suas próprias decisões e valorizando a interação com os colegas, pois um precisava das informações do outro para a produção do texto.

Espera-se que as reflexões desenvolvidas neste artigo possam contribuir com os estudos sobre a temática, especialmente no que envolve a condução do aluno-autor para produções textuais cada vez mais próximas ao gênero proposto a partir de uma perspectiva dialógica, a fim de que possam se descobrir como escritores e potenciais leitores.

Notas

* Emanuelle Tronco Bueno é Mestre em Comunicação e Indústria Criativa pela Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Especialista em TICs aplicadas à educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e em Marketing e Comunicação pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM/Sul). Possui graduação em Língua Portuguesa e Literaturas pela UFSM e em Jornalismo pelo Centro Universitário Franciscano (Unifra). Integra o grupo de pesquisa Processos e Práticas nas Atividades Criativas e Culturais do PPGCIC Unipampa. E-mail: emanuelletb@gmail.com

** Cristiane Fuzer é Doutora em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Pós-Doutora em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). É Professora Associada no Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: crisfuzerufsm@gmail.com

¹ Esse conceito está na obra “Estética da criação verbal”, tradução publicada originalmente em 1979 e relançada em 2003 pela editora Martins Fontes.

² Critérios valor-notícia é um termo do jornalismo e, segundo Nelson Traquina, são os “óculos” do jornalista. São critérios para a importância da notícia. Segundo o Senado Federal (BRASIL, 2018), podem ser: ineditismo (+ inédito = + importante); probabilidade (- provável); interesse (+ pessoas afetadas); apelo (+ curiosidade); empatia (+ pessoas que se identificam); proximidade (+ proximidade geográfica).

Referências

ABREU, Luis Felipe Silveira de; ARAUJO, André Corrêa da Silva de; SILVA, Alexandre Rocha da. **Do perfil jornalístico à escrita biográfica: a vida em detalhes**. Contemporânea | comunicação e cultura. v.14, n. 01, p. 55-71, jan./abr. 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2JnJiGs>>. Acesso em: 02 abr. 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1994.

BAZERMAN, Charles. **Gênero, agência e escrita**. São Paulo: Cortez, 2006.

CARVALHO, Gisele de. Gênero como ação social em Miller e Bazerman: o conceito, uma sugestão metodológica e um exemplo de aplicação. In: MEUER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação – economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FUZER, Cristiane. **Ateliê de Textos: (re)invenção e (re)escrita de histórias do ensino básico**. Revista da ANPOLL, n. 37, p. 56-79, Florianópolis, Jul./Dez. 2014.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **El language como semiótica social**. Santafé de Bogotá, Colômbia: Fondo de Cultura Econômica, 1998.

MARTIN, James; WHITE, Peter. **Appraisal: the language of evaluation**. London: Palgrave Macmillan, 2005.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

MELLO, Alex Fiuza de; ALMEIDA FILHO, Naomar de; RIBEIRO, Renato Janine. Por uma Universidade socialmente relevante. **Revista Atos de Pesquisa em Educação**, PPGE/ME FURB, v. 4, n. 3, p. 292-302, set./dez. 2009.

BRASIL. Senado Federal. **Manual de Comunicação da Secom**. Disponível em: <<https://bit.ly/2wC6tYb>>. Acesso em: 02 set. 2018.

SILVA, Amanda Tenório Pontes da. **O perfil jornalístico**: possibilidades e enfrentamentos no jornalismo impresso brasileiro. Ano V, n. 10, 2009.

_____. A vida cotidiana no relato humanizado do perfil jornalístico. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 7, n. 2, jul.-dez. 2010.

VIAN JR., Orlando; SOUZA, Anderson Alves de; ALMEIDA, Fabíola A. S. D. P. (Orgs.). **A linguagem da avaliação em língua portuguesa**. Estudos sistêmicos-funcionais com base no sistema da avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

VILAS BOAS, Sérgio. **Biografias & Biógrafos**: jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.

_____. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

WERNECK, Humberto. Arte & manhas do perfil jornalístico. In: WERNECK, Humberto (Org.). **Vultos da República**: os melhores perfis políticos da Revista Piauí. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WHITE, Peter. Valoração – a linguagem da avaliação e da perspectiva. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, v. 4, p. 178-205, 2004.

Recebido em: outubro de 2018.

Aprovado em: abril de 2019.